

Livro de reclamações dos estudantes do superior já tem milhares de páginas

Das dificuldades em pagar as propinas às consequências dos cortes no orçamento das universidades: associações académicas assinalam hoje Dia do Estudante, fazendo chegar críticas dos alunos ao Governo

Educação
Samuel Silva

Há queixas sobre as consequências dos cortes no orçamento das universidades e politécnicos. Há alertas para a importância do ensino superior no desenvolvimento do país. Outros preferem relatar as dificuldades sentidas no momento de pagar as propinas ou aquilo por que passam por terem visto a bolsa de estudo ser recusada. Os protestos dos estudantes do ensino superior recolhidos nos últimos dias pelas associações académicas enchem já milhares de páginas e começam hoje, Dia Nacional do Estudante, a ser tornados públicos. Depois, as reclamações vão ser reunidas em livro e enviadas ao Presidente da República e ao Governo.

Nos últimos dias, as associações académicas e de estudantes desafiam os alunos do superior a pronunciar-se sobre o sector. Queriam conhecer as preocupações que os colegas da sua universidade ou politécnico manifestavam, abordando-os nas cantinas ou noutros espaços da faculdade. Em dois dias, a Associação Académica de Coimbra (AAC) juntou mais de mil protestos escritos à mão pelos estudantes da mais antiga universidade do país. Só no primeiro dia, a Federação Académica do Porto (FAP) reuniu mais de 400 testemunhos. E como o desafio se alargou a todas as instituições do país, há muitos milhares de páginas que formam um retrato do modo como os estudantes vêem o sector.

Funeral e Facebook

Algumas destas mensagens são hoje afixadas nas faculdades. “Vamos deixar espaços em branco, para que quem ainda não se pronunciou possa fazê-lo”, explica Ricardo Morgado, da AAC. “O objectivo é termos o maior número possível”, acrescenta Rúben Alves, da FAP. Entre as mensagens encontram-se muitos relatos de situações pessoais. Afinal, como lembra Ricardo Morgado, “as dificuldades das famílias aumentaram, as propinas aumentaram e a acção social não tem respondido às necessidades”.

O protesto assinalando o 52.º Dia Nacional do Estudante (a crise académica de 1962, marcada por detenções e cargas policiais, está



Dia do Estudante é marcado esta segunda-feira por várias acções simbólicas de protesto e muitas queixas

Estudantes menos participativos nos “momentos de viragem”

O sociólogo Elísio Estanque lamentou que os estudantes se mostrem menos participativos nos momentos de viragens políticas, ao contrário do que aconteceu ao longo do século XX, em que estavam na vanguarda dos acontecimentos decisivos para o país. “Costume muito entender esta relativa apatia que notamos em Portugal nesse domínio”, disse à agência Lusa o sociólogo, na véspera de se assinalar o Dia Nacional do Estudante. O investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que fez um retrato da evolução do movimento estudantil nas

últimas décadas em Portugal, lamenta que as instituições e, em particular, os partidos políticos tenham vindo a “incutir junto dos sectores mais jovens uma lógica carreirista, seguidista, que vai ao arrepio daquilo que era necessário”. Para o investigador, “a universidade não é apenas uma instituição para criação de profissões e para uma formação técnica”. “Sempre foi formadora das elites e, neste momento, o poder instituído quer marginalizar as universidades e está a pô-las de lado, incluindo o esvaziamento das políticas científicas”, criticou.

“Infelizmente, os partidos políticos e as suas ‘jotas’ também

não têm conseguido nem mostrado vontade de responder de uma forma criativa a esta situação e, de certo modo, estão à margem neste debate à volta das universidades”, lamentou ainda. Aludindo à discussão em torno das praxes e das culturas estudantis, Elísio Estanque afirmou que as associações participam porque “são forçadas a isso”. “Eu acho que se deviam ter antecipado e deviam ter sido elas a prevenir situações que agora assumem contornos dramáticos nalguns casos”, frisou, referindo-se à morte de seis estudantes da Universidade Lusófona na praia do Meço.

na origem da efeméride) terá um segundo momento de divulgação, quando as mensagens forem reunidas num livro, que será enviado ao Presidente da República, Cavaco Silva, ao primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, bem como aos responsáveis pelas instituições de ensino superior públicas.

O protesto vai passar pelas redes sociais, já que as mensagens dos alunos estão a ser transformadas em pequenas imagens que cada autor poderá partilhar no Facebook ou Twitter. Mas vai também sair à rua, com acções locais nas cidades que acolhem as instituições de ensino superior, onde os dirigentes estudantis vão conversar com a população. No Porto, por exemplo, os alunos de Belas-Artes vão desenhar um modelo nu, em frente à sua faculdade, enquanto em Aveiro se simula o “funeral” do ensino superior.

ADRIANO MIRANDA



Estudantes do superior enchem livro de reclamações

Queixas vão do valor das propinas aos cortes nos orçamentos p10